

4. Análise do Projeto Amigos do Meio Ambiente

A realização do estudo em torno do Projeto Amigos do Meio Ambiente traz uma reflexão sobre o tratamento dado à EA na escola pública. Este projeto está sendo implantado na Escola Estadual Presidente Castelo Branco, localizada no município de Manaus, no Bairro de São Jorge.

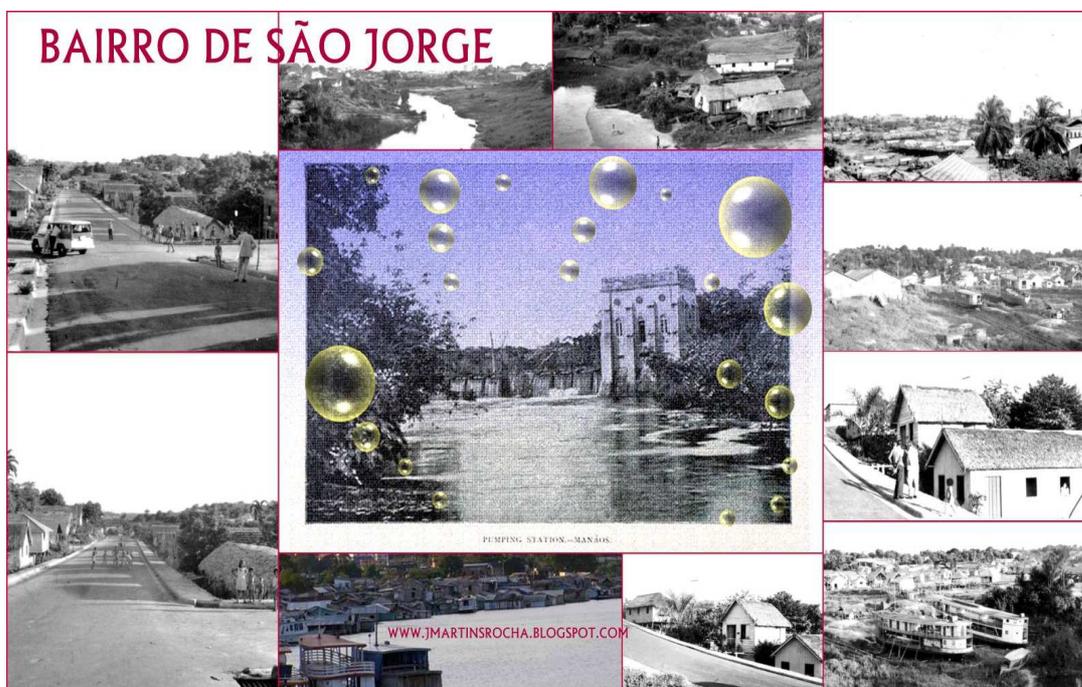


Figura 8- Bairro de São Jorge em Manaus. (Fonte: http://viajamos.com.br/profiles/blogs/bairro-de-sao-jorge-manau?xg_source=activity).

É interessante abordar a história do Bairro de São Jorge, já que a mesma revela problemas de ordem ambiental desde o momento de sua criação. O mesmo é resultado de invasão, assim como boa parte dos bairros de Manaus. As comunidades do bairro começaram a surgir na década de 50 a partir dos aglomerados de casas. E para se chegar ao bairro no primeiro

momento era necessário utilizar catraias (pequenas embarcações semelhantes à canoa, muitas vezes movidas por pequenos motores) que vinham do bairro de São Raimundo. Foi quando em 1955 os próprios moradores construíram uma vicinal hoje chamada de Alfredo Amaral Bastos.

Rios e igarapés entrecortavam o Bairro de São Jorge até as décadas de 40 e 50. As pessoas moravam em taperas (tipo de habitação em estado ruim). Foi então, na gestão de Plínio Ramos Coelho²³, que se deu início à abertura de estradas e abastecimento de água. Esse momento também foi marcado pela destruição da chamada cachoeira grande que recebeu o nome de Bacia de Prata (por causa de suas águas límpidas e porque tinha queda que parecia prateada). Construiu-se nesse governo o conjunto habitacional João Goulart com casas de madeira para a população de baixa renda. A paisagem do bairro começou a ser morta pelo aparecimento de outros conjuntos residenciais.

Na década seguinte, em 1967, se dá a fundação da Escola Estadual Presidente Castelo Branco, que ao longo dos últimos dez anos (10) vem desenvolvendo projetos em torno da EA, e que contam com a participação do corpo discente, docente e comunidade externa. O exemplo desse envolvimento com a comunidade externa é o Projeto RECOTA²⁴, onde os alunos arrecadam junto aos moradores do bairro material orgânico para a horta escolar. Outros projetos realizados pela Escola são a Gincana

²³ Plínio Ramos Coelho foi governador do Estado do Amazonas nas décadas de 50 e 60, conseguiu executar boa parte de um programa de Governo muito ousado naquele tempo, que incluía a profissionalização da administração estadual, o desenvolvimento de recursos humanos, o saneamento das finanças públicas, a reestruturação do sistema tributário estadual, a ampliação da infra-estrutura viária, e a criação de um leque de empresas de economia mista, com a finalidade de dinamizar serviços essenciais, como alimentação e transportes, fomentar a capacidade empreendedora, implantar projetos industriais dedicados ao aproveitamento de matéria-prima regional. Nesse cenário de mudanças, Plínio criou o Banco do Estado do Amazonas, a Transportamazon, a Alimentamazon, a Papelamazon, a Cimentamazon, a Faculdade de Ciências Econômicas, instituiu o sistema estadual de arrecadação tributária, assentou colonos japoneses na Estrada Manaus-Itaquatiara; comprou e instalou uma usina flutuante, tentando reverter o quadro de falência do sistema de energia elétrica (Disponível em: <http://jmartinsrocha.blogspot.com/2009/03/organso-do-capitolio.html>. Acesso em: 01 fev. 2011).

²⁴ O Projeto RECOTA (APROVEITAMENTO DE RESÍDUOS, SÓLIDOS, COMPOSTAGEM E HORTA) é coordenado pela profa. Ariane de Azevedo Pantoja - por conta do Programa Mais Educação do Governo Federal (que doa kit de material, de ferramentas e sementes e pagam 300 reais para o instrutor – técnico agrícola durante 6 meses – para orientar os alunos na criação de horta).

Cultural²⁵, Casa Laboratório e o Projeto AMA, este último, objeto de reflexão do estudo aqui desenvolvido.



Figura 9- Escola onde se desenvolve o Projeto AMA.

²⁵ O projeto Gincana Cultural foi reconhecido no SESI e ganhou o prêmio Construindo a Nação, sobre cidadania porque envolve a comunidade e a escola.



Figura 10- Projeto RECOTA, desenvolvido na Escola Estadual Presidente Castelo Branco.



Figura 11- Projeto Casa Laboratório, desenvolvido na Escola Estadual Presidente Castelo Branco.

Após a Eco-92, realizou-se no Parque do Mindú, em Manaus, um evento chamado Protetores da Vida que enfatizava a EA. Este influenciou o início da história do Projeto AMA, num momento em que se começava a falar de ações mais voltadas para a EA seguindo o que foi proposto na Agenda 21. A partir de então uma Professora da Escola (que se tornou Coordenadora do Projeto AMA)²⁶ juntou-se a outras professoras para elaborar um projeto que seria enviado ao Ministério do Meio Ambiente. O que fez com que no ano seguinte o Ministério enviasse uma pessoa para verificar se o projeto estava de fato sendo realizado.

A Gestora Escolar²⁷ observa que o Projeto AMA existe há dez (10) anos na escola e surgiu em um momento em que:

[...] havia depredação e indisciplina, e foi aperfeiçoado e adequado às dificuldades. Não só preserva a escola, mas também cuida do meio ambiente. Está sendo implementada a Agenda 21, para que os alunos entendam o que é a EA. O AMA tenta então trabalhar o aluno sensibilizando-o.

Segundo a Coordenadora Adjunta Pedagógica do Distrito de Educação IV²⁸, é somente em 2009 que o AMA passou a receber incentivos da FAPEAM com bolsas de estudo para produção de ciência.

A partir da parceria com a FAPEAM é que ficou definido como seriam escolhidos os alunos para serem agentes ambientais. Embora, todos os alunos participem e recebam pontuação nas disciplinas. O projeto tomou um formato científico com a parceria realizada junto a FAPEAM.

²⁶ Formada em Geografia, Especialista em Geografia da Amazônia Brasileira. Coordenadora da área de Ciências Humanas e Suas Tecnologias em função de a escola estar vivenciando projeto piloto para tornar-se escola de tempo integral. Concursada há catorze (14) anos pela Secretaria de Estado de Educação. Dez (10) anos no projeto AMA, Oito (08) meses na função de coordenadora de área.

²⁷ Formada em Filosofia. Especialista em gestão escolar, atua na educação desde 1976, com trinta (30) anos de secretaria e cinco (05) anos como Gestora da Escola Estadual Presidente Castelo Branco. Suas atribuições se relacionam à gestão da escola em atividades administrativas, docentes e discentes.

²⁸ Formada em Pedagogia. Especialista em Gestão Escolar e Metodologia do Ensino Superior. Coordenadora Pedagógica e concursada há cinco (05) anos pela SEDUC.

Segundo a justificativa do Projeto apresentado à FAPEAM, o AMA foi estimulado a acontecer em decorrência, não somente do vandalismo no ambiente escolar, mas também pela:

[...] falta de uma motivação pedagógica para a conscientização por parte de toda a comunidade escolar para com a preservação do patrimônio público, gestão, professores, corpo técnico e discente da Escola Estadual Presidente Castelo Branco deram início ao Projeto Amigos do Meio Ambiente – AMA. Ele viria a se tornar o propulsor de uma cadeia de atividades que culminariam num ambiente escolar renovado e prazeroso de se viver.



Figura 12- Projeto AMA projetado nos muros da Escola Estadual Presidente Castelo Branco.

A participação dos alunos no Projeto AMA se deu desde a sua criação, os mesmos foram responsáveis pelo:

[...] nome e o logotipo do projeto através de concurso na escola. Foi realizado o diagnóstico da escola para ver como estava a mesma (pichação, descuido com o patrimônio, etc) [...] A escola entrou em reforma no ano de 2000, existem registros do que era a escola. [...] uma mangueira na escola que marcou o início do projeto. (Coordenadora do AMA)

O resultado do diagnóstico realizado entre os alunos serviu para a elaboração das metas para o Projeto. Em 2008, o Projeto foi aprovado pela FAPEAM, fundação que vem incentivando o desenvolvimento de pesquisas no Estado do Amazonas. Cinco (05) alunos são escolhidos para receberem uma bolsa científica durante um (01) ano da FAPEAM. Normalmente os mais atuantes são escolhidos dentre os agentes ambientais para receberem essa bolsa.

A escolha dos agentes ambientais (multiplicadores das ações do AMA) se dá no primeiro dia de aula e a Coordenadora do AMA coloca que:

É passado um vídeo para que os alunos conheçam como a escola trabalha em relação ao AMA. A idéia é mostrar para os alunos que o meio ambiente é um todo e não só parte da natureza, envolve a questão social, respeito, responsabilidade.

Os alunos são levados a repassarem, diariamente, um relatório para a coordenação pedagógica, que depois verifica as informações descritas (o estado das salas de aula, dos espaços da escola).

A Coordenadora do AMA diz que esse trabalho é:

[...] interdisciplinar, o meio ambiente é trabalhado o ano todo, mas existem temas transversais que norteiam esse trabalho (exemplo: saúde, evasão escolar, mercado de trabalho e consciência negra). A resistência em relação à interdisciplinaridade está nas ciências exatas.

Para a Coordenadora do AMA a resistência entre os professores da área das ciências exatas provoca uma descontinuidade das ações interdisciplinares propostas nos PCNs.

Resgatando a reflexão de Dias (2004) e Jacobi (2003), é de extrema importância a lógica do diálogo e interdependência entre as diversas áreas do saber, pois através disso é possível alterar a forma de pensar, para que assim sejam transformados os conhecimentos e as práticas educativas existentes.

Para compreender a percepção dos alunos, foram entrevistados três (03) alunos selecionados a partir de sua participação nas ações do AMA. Para a identificação dos mesmos, receberam os nomes de: aluno 1, aluno 2 e aluno 3.

Quanto aos alunos, o compromisso dos mesmos com o AMA segundo a aluna 1 acontece entre alguns alunos, um compromisso que ainda não é de todos.

Evidencia-se que não somente os professores da área de ciências exatas resistem às ações do AMA, como afirmou a Coordenadora do AMA, os alunos também, pois alguns deles ainda não se comprometeram com o que pretende o Projeto. O que leva a um círculo vicioso expresso na acomodação em relação às mudanças que se quer quando existe um pensar e uma prática crítica.

Sair da acomodação exige uma aprendizagem que Monteiro (2009) chamou de aprendizagem social, que só é possível quando se passar de simples conteúdos para a compreensão de contextos, dessa forma se passaria a uma educação para a sustentabilidade. O que significa que:

A aprendizagem social é um desafio [...] pois permeia uma série de aspectos individuais e coletivos sobre os quais não estamos acostumados a refletir ou questionar. Ela nos desafia a pensar sobre nossos processos intelectuais, emocionais, sociais e espirituais. O processo sobre como aprendemos em grupo não nos é familiar. Ele parte do autoconhecimento e do autocontrole mas envolve também o olhar ao outro e o desenvolvimento de um conhecimento acerca dos processos cognitivos dos outros com os quais o processo é compartilhado (MONTEIRO, 2009, p. 30).

De acordo com o Projeto elaborado pela Coordenadora do AMA para a FAPEAM (ver anexo) a relevância do AMA está em trabalhar com os alunos a construção de um novo paradigma (EA), pois se quer contribuir no “despertar a curiosidade e o interesse pela pesquisa científica voltada para a preservação ambiental”. Por isso, estão presentes nesse Projeto questões importantes como “o trabalho em equipe, o respeito pela liderança”. Por isso tão necessária é a parceria entre alunos, escola e comunidade.

Segundo a Gestora Escolar, a Agenda 21 começa a ser implementada nas ações do Projeto AMA, já que a escola está sendo preparada para se tornar Centro de Ensino Integral. A Agenda 21 representa um Plano de Ação que pode possibilitar a promoção do modelo de desenvolvimento sustentável a que Dias (2004) se referiu. Somente dessa forma, as mudanças sociopolíticas podem ocorrer no lidar com os sistemas ecológicos e sociais onde estão inseridas as comunidades (JACOBI, 2003).

Para acompanhar as ações do projeto AMA junto aos alunos, os agentes ambientais têm o papel de, a cada bimestre fazer a avaliação das ações propostas através de uma ficha como a que se evidencia na figura 11. As ações propostas na ficha a cada bimestre mudam, permanecendo apenas os itens 2 e 3 que respectivamente são o cumprimento das normas da escola – fardamento, pontualidade, assiduidade e relações interpessoais; e a participação ativa na hora cívica – aniversário da escola, feira literária e dia do estudante. Após isso, as informações são repassadas ao Professor Conselheiro que compartilha com os demais projetos da escola, o que favorece a interdisciplinaridade.

A participação do aluno nas ações do AMA é de extrema importância, principalmente quando se trata de ação voluntária. Mas o que se observa quanto ao acompanhamento dessa ação, é que não existe uma naturalidade para que as mesmas se dêem já que ocorre um controle por meio de fichas de avaliação e relatórios que são repassados diariamente à Coordenação do Projeto (ver figura 13).

Mesmo com todo o controle exercido sobre as práticas dos alunos envolvidos no AMA, a parceria entre escola e comunidade se faz através da participação de seus alunos, o que reforça o proposto no Art. 10º sobre a EA: “uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal”.


SEDUC

 Secretaria de Estado de Educação do Amazonas
 Escola Estadual "Presidente Castelo Branco"
 Ato de Criação Lei nº 655 – 25/10/67


Turma : 1º ano 01 Matutino		Atividades do A.M.A. 2010							Total
Nº	Nome	01	02	03	04	05	06	07	
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									
14									
15									
16									
17									
18									
19									
20									
21									
22									
23									
24									
25									
26									
27									
28									
29									
30									
31									
32									
33									
34									
35									
36									
37									
38									
39									
40									
41									
42									
43									
44									
45									
46									
47									
48									
49									
50									

Relação de Atividades	
01- Limpeza e conservação da sala, da escola, jardinagem e horta..(0,5)	
02- Cumprimento das normas da Escola.(fardamento,pontualidade,assiduidade e relações interpessoais).(0,5)	
03- Participação ativa na hora cívica:(Aniversario da Escola,Feira Literária e dia do Estudante).(0,5)	
04- Encerramento do Contexto:(Abandono Escolar).(0,5)	
Agente Ambiental :	
Professor Conselheiro	

Figura 13- Ficha de Acompanhamento de Atividades Desenvolvidas pelo AMA em Sala de Aula.
 (Fonte: Escola Estadual Presidente Castelo Branco).

Para a Gestora Escolar o AMA e os demais projetos da Escola proporcionaram uma diminuição da evasão escolar, pois os dados coletados pela mesma evidenciam que, no ano de 2010, apenas catorze (14) alunos deixaram a escola pela manhã, quarenta e quatro (44) alunos no turno da tarde e a noite em torno de cem (100) alunos. O que é um dado positivo para uma escola que possui em torno de 2.108 alunos distribuídos em três turnos.

Ainda, segundo a Gestora, no ano de 2009 a escola recebeu a nota quatro (4,0) no SADEAM²⁹, um sistema que permite a avaliação do desempenho individual e coletivo dos estudantes amazonenses. Em seu início, em 2008, a primeira nota atribuída à Escola Estadual Presidente Castelo Branco foi dois (2,0). Os números representam uma melhoria de 102% da nota, que para ser atribuída considera a realização de provas de Língua Portuguesa e Matemática, permitindo comparar o desempenho dos alunos na escola.

Na percepção da Gestora e da Coordenadora do Projeto AMA, são evidentes as mudanças ocorridas nos alunos. Estes vêm apresentando um maior compromisso com eles mesmos enquanto alunos e com os espaços da escola. Mas o que se pôde observar em relação à gestão escolar é uma atuação dura e ríspida no controle dos alunos, já que a escola tem um número grande de alunos (em 2010: 2.108 alunos).

Para a EA Crítica, entende-se que não é necessário posturas vigilantes e controladoras, deveria ocorrer a internalização de conceitos, que começam a partir das aprendizagens em sala de aula. Por isso, seria importante iniciar um processo de alfabetização ecológica nas escolas.

²⁹ O Sistema de Avaliação de Desempenho do Amazonas – SADEAM permite a avaliação do desempenho individual e coletivo dos estudantes amazonenses e os números e dados estatísticos obtidos por esta ampla avaliação servem como subsídio para a gestão institucional no que se refere às definições de políticas públicas educacionais. Tem os moldes da Prova Brasil, Saeb e ENEM do Governo Federal-MEC e consta de aplicações de provas anuais de Língua Portuguesa e de Matemática. De acordo com o secretário de Estado de Educação, Gedeão Amorim, além de permitir a verificação do retrospecto educacional de cada aluno, o novo Sistema de Avaliação servirá como base para a premiação dos educadores e servidores da rede pública do Amazonas, uma vez que o Estado vem adotando políticas motivacionais aos educadores (14º e 15º salário) cujas escolas alcançarem as metas estabelecidas (Disponível em: <http://www.professorgedeao.com.br>. Acesso em: 27 jan. 2011).

Para Carvalho (2010), a alfabetização ecológica pode tornar o ser humano um sujeito ecológico, o que significa “um ideal ecológico, uma utopia pessoal e social norteadora das decisões e estilos de vida dos que adotam, em alguma medida, uma orientação ecológica em suas vidas”. O que não quer dizer que se viveria numa utopia, mas sim que se teria pela frente um modelo com o qual se pudesse pensar e realizar ações mais concretas sobre o meio ambiente.

Para que ocorra a formação desse sujeito ecológico, a escola tem o papel de elaborar um novo projeto educativo já tratado por Kuenzer (2000) anteriormente. Um projeto que seja capaz de articular as finalidades de educação para a cidadania, que busque uma formação humana que possa construir no educando uma autonomia intelectual e ética, que favoreça o conhecimento científico, tecnológico e sócio-histórico e o método para que se desenvolvam as capacidades necessárias para adquirir e produzir conhecimento.

Na fala da aluna 3 reforça-se a idéia de que o Projeto AMA é um estímulo a um novo olhar no cotidiano da escola em relação à conscientização. Essa percepção se deu devido à mesma ter visto “em outra escola o descuido e desorganização da mesma, e no AMA existe essa conscientização na escola”. A aluna passou a fazer parte do AMA depois que se sentiu incomodada com uma janela quebrada. Recebeu o convite da Coordenadora do projeto e passou a integrá-lo, recebendo até uma bolsa por atuar como agente ambiental.

Os alunos 1, 2 e 3 concordaram que o AMA os estimulou a entender a importância da EA nos espaços da escola. Durante a entrevista, os mesmos foram perguntados sobre os encontros que participam no Projeto AMA e apontaram questões como incentivo ao cuidar do lixo reciclável (garrafas pet, sacolas plásticas, etc); reuniões sobre a conservação dos espaços verdes da escola (jardins, cerca viva, horta); reuniões para falar sobre a importância da água no que diz respeito ao desperdício. Mas a continuidade da entrevista revela que os encontros, de fato, se dão para decidir o que fazer dentro da escola com os espaços físicos, falar sobre as caminhadas

pela comunidade, para entrega de fichas de avaliação e de relatório diário sobre as condições da escola.

Os alunos nos seus grupos comentam as melhorias na escola. (Aluna 1)

A conversa acontece com o vice-agente, com a prof. Vera e depois repassam aos alunos da turma. (Aluno 2)

No grupo de bolsistas existe a discussão para definir o que fazer (palestra, reuniões para realizar com os alunos) e depois repassam para os demais alunos. (Aluna 3)

São falas que não revelam uma compreensão sobre a EA Crítica, capaz de tornar o indivíduo um ser crítico, questionador, incomodado com os problemas ambientais. Quando os alunos dizem que a partir do projeto AMA passaram a entender mais sobre o meio ambiente, não quer dizer que passaram a discutir mais sobre a EA nos espaços da escola. Pois esse processo exige conhecimento sobre EA, algo maior que somente o saber sobre onde colocar o lixo. Não se aprendeu conceitos e conteúdos em torno da EA para se formar um pensar e um fazer crítico na escola. Para a EA Crítica a discussão que se pretende, requer um posicionamento com conhecimento profundo sobre os problemas ambientais, levando a comunidade discente a propor ações que vão além de reuniões (que é o que se evidencia no AMA).

As dificuldades quanto a uma EA Crítica no AMA são evidentes, mas observa-se que algumas ações individuais ainda acontecem com a intenção de sair do comodismo sobre o meio ambiente. O exemplo dessa persistência é o que se evidencia na ação da aluna 3 que diz:

[...] tenho me dedicado a usar o lixo que é reciclável para fazer decorações na escola, cesto de lixo (pet), farei reunião para falar do lixo reciclável, cartazes para colocar na escola sobre onde jogar, etc.

Já para o aluno 2, o AMA o estimulou com um novo comportamento dentro do local de trabalho (HONDA). A disciplina adquirida no Projeto o ajudou no Programa 5S da empresa, pois o mesmo compreendeu mais rápido o que seria o Programa e a importância do mesmo para a sua vida profissional.



Figura 14- Trabalho desenvolvido por aluna bolsista do AMA para tratar da reciclagem na Escola Presidente Castelo Branco.

Para Carvalho (2010), tornar-se um sujeito comprometido ecologicamente não torna o sujeito distante de contradições e conflitos porque muito provavelmente esse sujeito não chegará a uma exclusividade como ser ecológico, por isso a necessidade de negociação diária. Na postura dos alunos envolvidos no projeto AMA tem-se visto isso, já que de um lado os mesmos são agentes ambientais (responsáveis por cuidar de ações ambientais dentro da escola) e de outro são alunos que vivem a sala de aula (sofrendo a influência dos colegas que ainda não se comprometeram com o olhar e o cuidar do meio ambiente). Por isso o AMA não pode estar atrelado ao favorecimento de uma EA sem criticidade, pois o que se vê é um compromisso de alguns alunos, principalmente aqueles que estão diretamente ligados às ações do Projeto.

Ruscheinsky (2004) refere-se à ecopedagogia como uma forma de fazer emergir uma cultura política que priorize a sustentabilidade, só assim

surgiria uma consciência ecológica que para ser ampliada necessita de práticas mais concretas que devem ser implementadas pela EA. Seria então uma reconstrução do significado das relações cotidianas que:

[...] ambiciona ultrapassar a adesão a projetos de reciclagem de detritos, de acondicionamento adequado do lixo ou da preservação de áreas verdes; alça a meta de vir a compreender um desenvolvimento com justiça social, a diminuição do consumo de uns para inclusão cidadã de outros [...] O caminho e a meta é uma sociedade sustentável. Na sua trajetória pretende ir além de segmentos sociais específicos, de fatias à margem do mercado, do sistema escolar, a fim impregnar todas as relações na sociedade, todos os ambientes artificiais e naturais (Ruscheinsky, 2004, p. 54).

A ecopedagogia pretende ensinar valores essenciais da ecologia tornando o ser humano um ser de consciência, que vá além da idéia de projetos de reciclagem de detritos como bem frisou Ruscheinsky, pois dessa forma a sociedade se tornaria sustentável e capaz da vida em coletividade.

Segundo Jacobi (2003):

[...] a idéia de sustentabilidade implica a prevalência da premissa de que é preciso definir limites às possibilidades de crescimento e delinear um conjunto de iniciativas que levem em conta a existência de interlocutores e participantes sociais relevantes e ativos por meio de práticas educativas e de um processo de diálogo informado, o que reforça um sentimento de co-responsabilidade e de constituição de valores éticos. Isto também implica que uma política de desenvolvimento para uma sociedade sustentável não pode ignorar nem as dimensões culturais, nem as relações de poder existentes e muito menos o reconhecimento das limitações ecológicas, sob pena de apenas manter um padrão predatório de desenvolvimento.

Mesmo com as dificuldades em relação aos conteúdos e ao aprofundamento da EA Crítica no Projeto AMA, é possível perceber que o Projeto tem tentado fazer uma interlocução com a sociedade. E quem tem feito essa interlocução são os alunos, cujas ações, mesmo simples, passam a repercutir nos espaços onde se movimentam.

Uma aluna que faz parte do AMA, recebeu bolsa na rede amazônica na área de radialismo (locação). Foi reconhecida pelas ações no projeto, a aluna é apresentadora oficial do projeto. Quem é agente ambiental recebe um certificado para colocar no currículo do aluno. (Coordenadora do AMA)

Jacobi (2003) destaca a relevância do papel dos interlocutores e participantes sociais no reforço ao sentimento de co-responsabilidade. Para

a Coordenadora do Projeto, a sociedade de alguma forma vem dando credibilidade aos participantes do AMA. É o que se viu com uma aluna que recebeu uma bolsa na área de radialismo da Rede Amazônica de Comunicação.

De certa forma, o AMA revela que está se voltando ao que está proposto no Art. 35º da LDB sobre a importância de desenvolver um ensino médio que prepare o indivíduo não somente para o trabalho, mas também para a cidadania, aprimorando sua formação ética e desenvolvendo no mesmo a autonomia intelectual e o pensar crítico. O AMA ainda necessita, antes de tudo, concretizar a discussão da transversalidade com a utilização dos PCNs.

A reflexão que se inicia no Amazonas começa a revelar a intenção de uma transformação social. Loureiro (2004, p. 66 – 67) destaca que é possível perceber essa forma de educação no Brasil, que pretende tornar os sujeitos fortalecidos:

[...] no exercício da cidadania, para a superação das formas de dominação capitalistas, compreendendo o mundo em sua complexidade como totalidade [...] uma educação ambiental que se origina no escopo das pedagogias críticas e emancipatórias, especialmente dialéticas, em suas interfaces com a chamada teoria da complexidade, visando um novo paradigma para uma nova sociedade.

Essa denominação transformadora de EA no Brasil começou a se dar nos anos 80, quando os educadores (envolvidos com educação popular e instituições públicas de educação) se aproximaram dos militantes de movimentos sociais e ambientalistas que queriam a transformação societária e o questionamento dos padrões industriais e de consumo consolidados no capitalismo. A prática adotada nessa forma de educação é o diálogo com as tradições e se orienta por seus posicionamentos e visão social de mundo (LOUREIRO, 2004, p. 69).

Freire apud Loureiro (2004) destaca também a abordagem pedagógica histórico-social crítica, distinta em vários aspectos da anterior,

mas que faz parte também da intenção emancipatória. Saviani³⁰ representa essa abordagem e contribui para o entendimento das políticas educacionais e da função social da educação.



Figura 15- Entrada da Escola Estadual Presidente Castelo Branco.

Para Loureiro (2004, p. 74), essa vertente pretende que os indivíduos vivenciem processos educativos capazes de transformar suas “subjetividades e práticas”, estimulando uma construção contínua do ser na “dinâmica da vida como um todo e de modo emancipado”. Atuar criticamente possibilita a superação das relações sociais vigentes e não pode:

³⁰ Formou-se em Filosofia pela PUC-SP em 1966 e doutorando-se em filosofia da educação na mesma instituição. Lecionou também na Universidade Federal de São Carlos e desde 1980 na Unicamp, da qual tornou-se professor emérito. Considerado filósofo da educação e/ou pedagogo *latu sensu*, fundador de uma pedagogia dialética, que denominou Histórico-Crítica (Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Demerval_Saviani. Acesso em: 07 fev. 2011).

[...] privilegiar somente um dos aspectos que formam a nossa espécie (seja o ético, o estético, o sensível, o prático, o comportamental, o político ou o econômico, enfim, separar o social do ecológico e o todo das partes) é reducionismo, o que pouco contribui para uma visão da educação integradora e complexa de mundo (LOUREIRO, 2004, p. 75).

Iniciar a construção do ser crítico não se faz imediatamente, requer um desprendimento das resistências naturais a fim de que o ser se torne um ser de coletividade. A aprendizagem é de extrema importância nesse processo, já que pretende tornar o indivíduo capaz de perceber suas deficiências enquanto ser de coletividade. É possível a partir daí elaborar novas atitudes com características transformadoras. O AMA, mesmo com suas deficiências, tem revelado uma intencionalidade sobre o ser, já que tem se dado no contexto de uma escola pública, espaço que tem vivido nos últimos tempos uma série de fragilidades como agressões a professor, a alunos, o analfabetismo funcional, entre outros.



Figura 16- A Escola e o Cuidado com o Lixo.

Para o aluno 2, sem o AMA seria “uma bagunça na escola, em relação a limpeza, organização. Os alunos que picham são chamados a limparem e evitarem desordem”. Essa conduta revela que existe uma aceitação em relação ao controle exercido pela gestão da escola, que acaba sendo permitido já que, de uma forma ou de outra, o aluno faz o que se “manda”, não o que se entendeu a partir de uma consciência ambiental.

Resgatando a percepção de Guimarães (2000), a EA para ser crítica deve retomar a concepção de Educação Popular (construção de uma hegemonia popular). Nesta, a interlocução se dá entre Educação Popular e Educação Ambiental, entre educando e educador, resgatando categorias como igualdade, solidariedade, participação crítica. Só assim é possível sair do contexto de dominação (aquela que produza a miséria social e a miséria ambiental).

O processo de conscientização sobre a importância da natureza se dá numa vivência dialética entre conhecimento (crítico) e prática. As ações educativas dos educadores ambientais devem estimular a sensibilização, que se faz através da “reaproximação com o natural, do emocionar-se com a natureza” (GUIMARÃES, 2000).

É nessa perspectiva que se quer uma sociedade mais preocupada com suas atitudes. Acredita-se que ações iniciais como a do AMA podem surtir efeitos, podem ser os primeiros passos em busca de uma sociedade educada, que tenha capacidade de discernimento, de questionamento. O primeiro passo da Escola Estadual Presidente Castelo Branco quanto à EA, mas que requer uma ampliação da discussão ambiental crítica.



Figura 17- Espaço Verde da Escola - Área da Quadra de Esportes.